

O Estado de S. Paulo

11/7/1985

4 horas. É tempo de começar o trabalho

O dia do bóia-fria começa cedo. Por volta das 4 horas da manhã ele já está de pé, exatamente para preparar a sua refeição que, às 11 horas, será ingerida sem esquentar. A família inteira participa do trabalho nas lavouras de cana. Em geral, a criança abandona a escola aos 11 anos para ajudar na renda da casa, para a qual a mulher também contribui. Antes de todos tomarem o caminhão, entre 5 e 6 horas, fazem a primeira refeição do dia, daquela mesma comida do "almoço": arroz, macarrão, um pouco de feijão, às vezes ovo e, muito raramente, um pedaço de carne.

De acordo com pesquisa da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da USP, o bóia-fria da região perdeu um quarto de sua capacidade de trabalho, comparado com o trabalhador rural que mora em fazendas, basicamente em consequência da subnutrição. Indrajidi Desai, pesquisador indiano da Universidade British Columbia, observou que os filhos dos trabalhadores volantes apresentam menor desenvolvimento físico e mental e redução da capacidade física.

Foi exatamente esse quadro que levou os bóias-frias à primeira greve, em maio do ano passado, além da decisão das usinas de aumentarem de cinco para sete "ruas" a cota diária de corte e dos reajustes nas taxas de água da Sabesp. Um supermercado de Guariba e um prédio da Sabesp foram incendiados, deixando a cidade sem energia e água. O movimento paredista conseguiu manter as cinco ruas de corte.

O acordo de Guariba deu também ao trabalhador alguns direitos já obtidos pela maioria dos assalariados: remuneração pelos dias de chuva em que o corte é impossível, 13º salário, ferramentas de trabalho, transporte grátis, descanso remunerado e registro em carteira. Acontece que a maioria é volante, gente vinda sobretudo de Minas em busca de uma renda extra, para depois, na entressafra, de janeiro a março, retornar à sua terra. Sem fiscalização do governo, o transporte do "bóia-fria" continua sendo feito em caminhões, sempre lotados, sem nenhuma segurança.

Com 80 municípios, 1,8 milhão de habitantes, 21 usinas e cerca de quatro mil fornecedores de cana, a região de Ribeirão Preto é uma espécie de ABC do campo. Segundo as usinas e os fornecedores, 30 mil trabalham na safra de cana, enquanto a Fetaesp diz que são 150 mil; 40 mil deles ficam sem emprego na entressafra. As usinas afirmam que o desemprego não afeta mais que duas mil pessoas nessa época.

De 224 mil hectares plantados de cana em 1975, hoje a região já possui mais de 400 mil, com produção de 1,7 bilhão de litros de álcool e 27 milhões de sacas de açúcar, o que significa 20% do álcool produzido no País e 35% dos 112 milhões de toneladas de açúcar produzidas em São Paulo.